

THE FORTUNE COOKIE / 1966

(Como Ganhar um Milhão)

um filme de Billy Wilder

Realização: Billy Wilder / **Argumento:** Billy Wilder e I.A.L. Diamond / **Fotografia:** Joseph LaShelle / **Direcção Artística:** Robert Luthardt / **Décors:** Edward G. Boyle / **Efeitos Especiais:** Sess Bedig / **Música:** André Prévin / **Som:** Robert Martin / **Montagem:** Daniel Mandell / **Interpretação:** Jack Lemmon (Harry Hinkle), Walter Matthau (Willie Gingrich), Ron Rich (Boom-Boom Jackson), Cliff Osmond (Purkey), Judi West (Sandy), Lurene Tuttle (a mãe de Harry), Harry Holcombe (O'Brien), Les Tremayne (Thompson), Marge Redmond (a mulher de Willie), Noam Pitlik (Max), Harry Davis (Dr. Krugman), Ann Shoemaker (a Irmã Verónica), Maryesther Denver (a enfermeira feia), Sig Ruman (Professor Winterhalter), Ned Glass (Dr. Schindler), etc.

Produção: Billy Wilder para Mirisch Films / **Distribuição:** United Artists / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 124 minutos / **Estreia Mundial:** 8 de Novembro de 1966 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Jorge, a 16 de Novembro de 1967.

A sessão de dia 13 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo

Antes de mais, convém sublinhar — nunca é demais fazê-lo — que neste filme nasceu “the odd couple”: Jack Lemmon - Walter Matthau. Se Lemmon, em 1966, era já uma celebridade (e um actor-fetiche de Wilder, em obras como **Some Like It Hot**, **The Apartment** e **Irma La Douce**) foi **The Fortune Cookie** que fez de Walter Matthau, uma estrela de idêntico brilho. No ano seguinte, **The Odd Couple** (Gene Saks, 1967 em adaptação da peça de Neil Simon) confirmava o triunfo da parilha. E se sempre que esses dois homens se juntaram houve milagre, o mote foi dado em **The Fortune Cookie**, de que todos os outros são variações.

Billy Wilder, escaudado pela recepção feita e pelos problemas censórios havidos com **Kiss Me, Stupid**, filme de 1964, imediatamente anterior a este, abordou cautelosamente o seu novo filme, o último que faria a preto e branco, com a inadjectivável colaboração de LaShelle. “It’s about greed, love, compassion, human understanding, but not about sex” declarou, imperturbável, quando começaram as rodagens. E I.A.L. Diamond acrescentou “Instead of f... we have nuns in this one”. Há de facto freiras e não há f... (respeito os pontinhos, porque era assim que se escrevia em 1966). Mas tudo o resto só está na grande irrisão — ou na grande crueldade — com que Wilder soube sempre — e aqui, talvez, mais sarcasticamente do que nunca — virar tudo ao contrário. Mas nunca devemos levar os moralistas (e Wilder é um dos maiores) inteiramente a rir ou inteiramente a sério. Talvez o amor, a compaixão, a compreensão humana estejam no filme. Mas se o estão, estão-no da mais perversa das maneiras, pois que só existirão — se existem — na relação entre Jack Lemmon e o jogador negro que dá pelo nome de Boom-Boom Jackson. Mas há quem lhe dê outros nomes e Billy Wilder, nessas coisas, nunca tomou partido (cf. **Some Like It Hot** ou **Sherlock Holmes**).

Mas se nesses filmes as alusões à homossexualidade eram mais do que explícitas, em **The Fortune Cookie** é essa a grande elipse, subtilmente deixada na sombra para só quase no final nos ser dado um sinal explícito de onde Wilder queria chegar. Refiro-me à sequência em que Wilder, de facto, inverte tudo e que seria gratuita se não tivesse essa implícita função. É a das camisolas e dos

números dos jogadores de baseball, quando o nº 99 (a tanto não se chega nesse jogo) se transforma, virado ao contrário, em 66. Desse “gag” aparentemente gratuito — repito — sai-se para o estádio vazio (não há palavras, repito, para o trabalho, de LaShelle) onde Jack Lemmon procura o solitário e vencido Ron Rich. E começa, sem público, e depois só com o público dos zeladores nocturnos do estádio, uma sequência de repetição (por isso me repito) em que voltamos a assistir ao acidente inicial. Para a repetir foi Jack Lemmon ao estádio, re-ligando nessa sequência final o que desde a sequência inicial os unira. O jogo final dos dois é o exacto equivalente do jogo de cartas final de **The Apartment**. Só que desta vez, não temos um homem e uma mulher mas um homem e um homem. Pode então começar-se a juntar 2+2: os insólitos grandes planos de Boom-Boom Jackson no acidente inicial (afinal de contas, nada fizera que justificasse tamanha preocupação); as suas visitas floridas ao quarto de Lemmon; a sua dedicação como cozinheiro (e o título original de cook nos fala); os ciúmes de Sandy que não descansa enquanto não corre com ele; a sua violentíssima reacção face a “the other blonde” (sintomático título do 12º capítulo do filme); a sua depressão e desespero quando se julga abandonado por Lemmon. Troquem-se os sinais (volto à sequência das camisolas) e poucas dúvidas nos ficam.

E quando é que Jack Lemmon muda, ou seja quando é que decide trocar um milhão de dólares e aquela horrível mulher pela penúria e pelo jogador mulato? Exactamente quando sabe o triste destino a que o amigo se entregou. Quando tantos o exploram, há alguém, nos termos de Wilder, que tem por ele “greed, love, compassion, human understanding”. Tanto basta para o fazer trocar as voltinhas na cadeira de rodas pela prodigiosa acrobacia face às câmaras, a que se oferece duas vezes, sem qualquer disfarce. Se a primeira “take” ficara obscurecida, a segunda é oferta da casa, luzes todas acesas, para que ninguém tenha dúvidas sobre a real imagem dele. Matthau contara com todas as reviravoltas e previra todos os acidentes, menos esse: que o cunhado se curasse da paixão pela ex-mulher a jogar baseball com o ex-cozinheiro. Razão tinha o “fortune cookie” do almoço chinês, em lembrar a célebre máxima de Lincoln (repetida — ela também — no filme visto na televisão). Jack Lemmon não podia passar a vida a enganar toda a gente. Essa, a sua grande diferença em relação a Matthau.

Também retrospectivamente, percebemos muito e damos-lhe razão: aquela espantosa mãe sempre a chorar, aquela horrível mulher, aquela estúpida irmã (para já não falar das freiras e das enfermeiras) não eram de molde a encorajar. qualquer um no amor pelo sexo oposto. E quando lhe prefiguram o paralisado destino, põem-lhe na parede o quadro de Whistler “A Mãe”, que talvez por isso lhe dá tanta vontade de assobiar. Até porque na parede oposta, presidindo à foto de casamento, serve-lhe de “pendant” um pastiche surrealista. Entre as duas imagens, percebe-se a fuga final, “It’s not the time, or the place”. Não era, de facto.

Quanto ao resto, este filme construído em 16 capítulos, é a mais implacável desmontagem duma “morality play” que alguma vez me lembro de ter visto. Cada personagem tem o seu duplo (como a dupla visão atribuída a Lemmon) e cada um se comporta como se não representasse apenas para o seu interlocutor, mas para uma omnivisão dissecante, em que todo o espaço se amplia e repete. É a estética dos vasos comunicantes, levada ao extremo nos dois quartos frontais em que os dois advogados jogam o seu jogo. Que teria ficado empatado, não fosse a batota de Lemmon, ao desmanchar no final o móbil (a mulher) que Matthau julgara construir-lhe. Essa “pequena diferença” deu cabo de tudo. É assim, afinal, que se perde um milhão de dólares. As, grandes lições morais são sempre especulares. E a imagem especular é sempre a imagem invertida. Talvez por isso, também, **The Fortune Cookie** seja, por acréscimo, um filme sobre o cinema. E sobretudo um filme sobre a representação, um filme com e sobre esses espantosos actores que são Jack Lemmon e Walter Matthau.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico